

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ: DIÁLOGOS ENTRE AS LEITURAS, RELEITURAS DA CULTURA CLÁSSICA NO UNIVERSO CONTEMPORÂNEO

ELAINE CRISTINA PRADO DOS SANTOS*

VALÉRIA BUSSOLA MARTINS**

LEITURA: RESISTÊNCIA, CURA, IMAGINAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

O texto clássico é uma obra que nunca termina de dizer algo, pois está em contínua interlocução com a atualidade, promovendo novas leituras e interpretações. Leva-nos a redescobrir o que julgávamos saber, de forma a reconhecermos que as culturas clássicas ainda têm algo a dizer sobre o nosso presente, desempenhando um papel relevante para a compreensão da formação identitária da cultura ocidental.

O dossiê “Diálogos entre as leituras, releituras da cultura clássica no universo contemporâneo” conduz o leitor em uma travessia de tempos, culturas e as inúmeras possibilidades de sentido que emergem do encontro entre mitos, poemas, narrativas, questões psicológicas, cultura *pop* e prática pedagógica. Os textos aqui reunidos tratam, assim, da permanência dos clássicos no imaginário contemporâneo, seu poder formativo, simbólico e curativo, e suas ressonâncias em diferentes suportes e linguagens da experiência humana.

* Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). *E-mail*: elainecristina.santos@mackenzie.br.

** Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). *E-mail*: valeria.martins@mackenzie.br.

No primeiro artigo, “A função narrativa de Ulisses na *Odisseia*: os homens como eles deveriam ser”, Rafaela dos Santos Teixeira (UFMS) evidencia o herói como artífice de um projeto civilizatório. Ulisses não apenas narra; ele modela o ideal de humanidade da Grécia Antiga. É símbolo e mediador de uma cultura. Ao enfrentar monstros, deuses e territórios desconhecidos, mostra o que os gregos deveriam ser. O leitor é levado a observar que toda narrativa é política, pedagógica, e que os heróis que escolhemos celebrar dizem muito sobre o mundo que desejamos construir.

Em “O mito de Eros e Psiquê na obra *East*, de Edith Pattou”, Patricia Giampaoli (UPM) revela como narrativas infantojuvenis reinscrevem mitos ancestrais para formar leitores críticos e sensíveis. Explora como *East* reconstrói o mito sem abandonar a força simbólica que atravessa séculos. Embora considerada por muitos apenas a releitura de um conto popular norueguês, a obra resgata, de modo eloquente, os principais elementos do mito greco-romano. Há presença de arquétipos junguianos, catábase, desafios e a redenção conquistada pelo amor perseverante, levando-nos a entender que os mitos ainda habitam o imaginário contemporâneo mesmo sob novas roupagens.

No texto “O mar de Sophia: encontro entre tempo mítico e tempo presente em ‘Ítaca’ e ‘O rei de Ítaca’”, Daniele Atie Foresto (Unesp) disserta sobre a poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen e resgata a figura de Ulisses como homem íntegro, símbolo de reintegração ao sagrado. Revela-se o poder da poesia como gesto de resistência diante da degradação do mundo moderno. A partir da leitura dos poemas “Ítaca” e “O rei de Ítaca”, Foresto evidencia como Andresen inscreve o mar como metáfora maior de retorno, renascimento e sabedoria.

Em “A leitura de clássicos nas aulas de língua portuguesa”, quarto estudo do dossiê, Francisca Oliveira (Ufopa) defende a literatura como experiência de formação estética, ética e linguística, centrada na leitura literária como espaço de ampliação do sensível. Clássicos antigos, como *Dom Quixote* ou as fábulas de Esopo, dialogam com clássicos modernos, como *Quarto de despejo* e *A moça tecelã*, mostrando que a idade da obra não os define, mas sim sua potência simbólica, sua linguagem rica e sua capacidade de tocar o leitor de qualquer tempo. A literatura, nesse sentido, não é luxo: é necessidade, pois diz quem somos e nos convida a sonhar com aquilo que podemos ser.

No artigo “Entre dementadores e patronos: ecos do mito de Orfeu em *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*, de J. K. Rowling”, Nickolas Marques

de Andrade (UPM) identifica o mito de Orfeu em *Harry Potter*, propondo uma leitura da literatura juvenil como espaço de elaboração simbólica da dor e do luto. Orfeu, sob uma perspectiva de releitura, é reencarnado em Harry Potter, que transforma a dor em força, a memória em defesa e a ausência em vínculo. Ao conjurar seu Patrono (imagem do pai e reflexo de si mesmo), o menino bruxo não apenas repele os dementadores, ele refaz, à sua maneira, o gesto órfico, mas sem ceder ao esquecimento ou à dúvida. A esperança guia seu canto. O texto evidencia que os mitos se transmutam em novas linguagens e continuam a nos ensinar sobre perdas, afetos, escolhas e resistências.

Em “Da tragédia à novela-poema: um diálogo em expansão”, Flavia Amancio Pereira de Jesus (PUC-SP) expõe o sacrifício de Alceste revisto por Gonçalo M. Tavares em *Os velhos também querem viver*, revelando uma crítica incisiva ao lugar da mulher na tradição trágica ocidental. Ao analisar o sacrifício feminino como gesto político e simbólico, o artigo explora as dimensões da obediência, da dor e da perpetuação de um sistema de silenciamento. Alceste diz um “sim”, que ecoa como resistência. É, simultaneamente, desaparecimento e permanência. O gesto trágico revela a complexidade das escolhas femininas em contextos marcados por guerra, opressão e desigualdade.

Nos dois artigos dedicados às *Heroides*, de Ovídio, “A construção da persuasão na carta ‘Helena a Páris’ nas *Heroides*, de Ovídio”, de Marina Geraldo (Unesp), e “A partida de Eneias e os efeitos persuasivos da temporalização na carta ‘Dido a Eneias’”, de Beatriz Araujo Morandini (Unesp), a retórica é analisada sob o viés da semiótica discursiva, revelando como vozes femininas constroem estratégias sofisticadas de dor, desejo e persuasão diante do abandono.

O primeiro retoma o universo greco-romano para explorar, com refinamento analítico, os mecanismos argumentativos da personagem Helena. A partir de ferramentas da semiótica discursiva, o texto anuncia como metáforas, hipérboles, embreagens e figuras de linguagem operam no plano retórico para construir um discurso hesitante, sedutor e estrategicamente persuasivo. O latim, longe de ser apenas uma língua morta, emerge como espaço vibrante de produção de sentido e negociação simbólica. O segundo apresenta uma análise exemplar da temporalidade na epístola ovidiana. O ato simultâneo entre a escrita da carta e a partida de Eneias, bem como a expansão narrativa do episódio da fuga, sinalizam como o tempo é manipulado para intensificar a dor e o apelo da rainha abandonada. Compreende-se que tempo, espaço e linguagem são instrumentos retóricos que modulam o sofrimento e constroem a persuasão.

O nono artigo, “A leitura como forma de cura: uma analogia entre o engajamento com os clássicos e a prática terapêutica”, de João Paulo Baldin (USP), estabelece uma analogia entre o ato de ler clássicos e a escuta terapêutica. A partir de Jung, Rogers, Bakhtin e Buber, o autor propõe que a leitura é espaço de projeção e transformação interior, capaz de abrir caminhos para o autoconhecimento e a reintegração simbólica. É como se leitor e paciente se projetassem sobre o texto ou sobre a relação, encontrando na polifonia um caminho de autoconhecimento e transformação – ler é curar-se.

Carolina Ramos Henrique (UnB) discute, em seu texto “A *Iliada* no século XXI: releituras clássicas entre a epopeia homérica e a *fanfiction*”, a recepção da epopeia homérica em *A canção de Aquiles* e em *fanfictions* contemporâneas, denotando a potência da cultura digital como espaço de ressignificação do cânone, da oralidade e da diversidade afetiva e identitária. Ao adaptar, reescrever e compartilhar, leitores transformam-se em autores e fazem da literatura uma prática coletiva, afetiva, inclusiva e política. A permanência da *Iliada* propaga não um monumento intocável, mas um texto vivo, apropriado, expandido e reinventado por comunidades marginalizadas historicamente.

Em “Quando foi que falamos a verdade? Entre sofistas e filósofos, na Antiguidade, e os distúrbios informacionais e a pós-verdade, na Contemporaneidade”, Ana Paula Ribeiro Câmara (UnB) articula Górgias, Foucault e a crise da verdade no século XXI, vinculando regimes discursivos, distúrbios informacionais e a responsabilidade ética na linguagem. Propõe-se uma compreensão plural da verdade; rejeita-se o relativismo absoluto, sem aderir ao dogmatismo moderno, e sustenta-se a necessidade de regimes cognitivos diversos para lidar com os saberes humanos. A linguagem, nesse cenário, é campo de disputa, sedução, poder e, sobretudo, responsabilidade. O mito dialoga com a democracia, com a cidadania e com o futuro da própria possibilidade de convivência.

O texto “O culto dionisíaco em *The Rocky Horror Picture Show* (1975)”, de Miriam Sodrê (UFRGS), une mitologia grega, cinema e cultura *queer*. Frank-N-Furter é lido como Dioniso moderno: andrógino, estrangeiro, cruel e libertador. A análise mostra como o transe, o delírio, o teatro e a dança ressurgem na cultura *pop* como espaços de resistência e afirmação do desejo. Ao traçar paralelos entre *As bacantes* e o musical de 1975, o estudo anuncia que Dioniso continua entre nós: convocando-nos à ruptura, à liberdade e à transformação profunda de nós mesmos.

Por fim, em “A construção da jornada da heroína na estrutura narrativa do romance juvenil *Coraline*, de Neil Gaiman”, Telma Regina Ventura (UPM), à luz da jornada da heroína de Maureen Murdock, retrata o processo de separação, provação e reintegração de uma jovem protagonista que rejeita o falso encantamento para abraçar a própria identidade. *Coraline* atravessa o Outro Mundo, enfrenta seus medos, reconcilia-se com o feminino e o masculino em si, e retorna transformada ao mundo real. Trata-se de um rito de passagem que une narrativa, psicologia e mito em um gesto profundo de reconexão simbólica.

Este dossiê é uma celebração crítica e sensível da força da leitura como prática de resistência, cura, imaginação e transformação. Do mito à *fanfic*, da tragédia à jornada interior, da cultura clássica à cultura *pop*, os textos aqui reunidos são um convite à travessia.

Boas leituras!